



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

Memórias contadas e recontadas: refletindo a construção de histórias de vida a partir da biografia de Xicão Xukuru

Autoria: Kelly Emanuely de Oliveira (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Esta apresentação objetiva trazer elementos para reflexão das possibilidades de construção e apropriação de pesquisas baseadas em histórias de vida, tanto pela academia, quanto pelos grupos pesquisados. Para tanto, usaremos como base a biografia Mandaru: a história de vida do cacique Xicão Xukuru produzida como work de conclusão de curso em 2001 e reeditada posteriormente, em 2018, como artigo. A proposta é analisarmos como, a partir da criação e revisão desta narrativa em dois tempos (2001 e 2018) podemos perceber como a memória coletiva elabora e reelabora elementos de relevância, que enaltecem ou deixam de lado alguns fatos relacionados à história de vida. Xicão foi uma das mais importantes lideranças indígenas do país, sendo assassinado em 1998 por conta da luta por direitos indígenas. A opção de captação do percurso do cacique foi direcionada a um conceito de história de vida que procura compreender, a partir da biografia de um personagem, a comunidade na qual este insere, mais que apenas destacar os traços pessoais deste indivíduo. Dessa forma, procurei compreender, através da história de vida de Xicão Xukuru, o percurso de fortalecimento do povo Xukuru do Ororubá. O povo Xukuru do Ororubá tem 12,343 indivíduos com o território de 27.555 hectares situado nos municípios de Pesqueira (maior parte) e Poção, ambos no estado de Pernambuco, Brasil. Esse povo passou por um conflituoso processo de reivindicação territorial que foi iniciado no final da década de 1980, quando 88% de suas terras estavam nas mãos de não-índios. Nesta época a maior parte dos índios trabalhava em fazendas de grandes latifundiários que ocupavam o território indígena. O processo moroso de regularização fundiária, que demorou 22 anos, levou a uma exacerbação da violência, com os assassinatos de índios e apoiadores da comunidade. O cacique Xicão se insere nessa história como peça chave no processo de mobilização e fortalecimento da identidade étnica do povo Xukuru. Entrando



como liderança em 1986, em um período de reabertura democrática no país, ele foi apoiado por organizações não governamentais e entidades civis como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). No ano seguinte passou a ser cacique e desenvolveu todo um processo de organização e mobilização social no grupo, integrando as aldeias e fortalecendo rituais. O texto feito em formato de grande reportagem em 2001 foi reapresentado ao atual cacique, Marcos Luidson de Araújo, filho do cacique Xicão, para revisão após quase duas décadas. Este, em diálogo, nos solicitou que fossem revisadas algumas falas e com isso nos levou a refletir sobre a construção e reconstrução de memórias, e de como as histórias de vida são elementos criados em diálogo com o tempo de espaço em que são colhidas e/ou recolhidas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: